

Crescimento não é ato de vontade

A perspectiva de que 2006 será mais um ano de promessas não cumpridas está, a cada dia, mais consistente. Antes de deixar o Ministério da Fazenda, Antonio Palocci não escondia a convicção de que, neste ano o PIB cresceria 5%. Não estava sozinho em seus vaticínios. Há poucas semanas, o ministro Guido Mantega projetava avanço mínimo de 4% para o País. No entanto, com o cenário do terceiro trimestre já mais consolidado, o humor dos analistas econômicos mudou: há sentimento generalizado de que 3,5% será uma "conquista". Em outras palavras, a expectativa dos agentes da economia real é de um crescimento anual mais embicado para três pontos percentuais e não para os quatro alardeados pelas instâncias do governo.

O clima de certa frustração tem razão de ser. A produção de linha branca foi a primeira a anunciar férias coletivas. Não foi um caso isolado. Diversos setores sentiram a premente necessidade de enxugar estoques, antes de pisar no acelerador da produção. Segmentos de mão-de-obra intensiva sentiram, no primeiro semestre, a forte concorrência chinesa, em especial calçados, roupas e brinquedos.

Uma conjunção de fatores negativos agravou a conjuntura: o setor exportador perdeu força, o agronegócio esfriou o mercado interno e o aumento da inadimplência inquietou o sistema financeiro. Neste quadro, é de pouca utilidade responsabilizar fenômenos pontuais, como Copa do Mundo ou eleições. Ambas

Conjuntura preocupa: o setor exportador perdeu força, o agronegócio está em forte crise e a inadimplência inquieta o sistema financeiro

têm poder de impulsionar o ritmo de atividade, mas não de esfriá-lo, como vem ocorrendo.

Em junho, a produção da indústria, segundo o IBGE, recuou 1,7% em relação a maio, descontados os efeitos "dias de Copa do Mundo". Diversas consultorias, atentas a estas oscilações, já reduziram a previsão de produção industrial e do PIB deste ano. O Boletim Focus do Banco Central, que reflete a opinião do setor financeiro, fixou previsão de 3,5% para a expansão do PIB, mantendo a previsão do saldo comercial em US\$ 41,2 bilhões.

O nível de emprego pode acusar, em breve, os efeitos do esfriamento da conjuntura. No final de semana foi divulgada pesquisa do Sebrae-SP mostrando que, nos doze meses anteriores a junho, pequenas e microempresas (MPE) no Estado de São Paulo fecharam 130 mil postos de trabalho. As MPE paulistas empregavam 5,73 milhões de pessoas, o menor nível de ocupação desde o início de 2005. O faturamento também caiu (2,8%) entre junho de 2005 e o mesmo mês deste ano.

A maior parte das demissões no setor ocorreu em junho, na esteira das pressões do câmbio e dos juros. Sem esquecer que, tradicionalmente, é a pequena empresa quem sofre primeiro, e mais forte, o fator inadimplência: o peso da prestação do eletrodoméstico impacta direto na queda de faturamento do mercadinho ou do salão de beleza. Em São Paulo, a pequena empresa representa 67% do emprego.

O peso do câmbio na conjuntura não pode ser desprezado por seus efeitos na quantidade exportada. A Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) mostrou que no primeiro semestre deste ano, entre 27 setores exportadores,

12 deles registraram perda no volume exportado. As maiores quedas no volume exportado ocorreram em óleos vegetais, açúcar, madeira e mobiliário.

Alguns setores aumentaram preço para compensar a perda de volume. O melhor exemplo desta "tática" é o do setor automobilístico: a quantidade de carros embarcados aumentou 0,6% no primeiro semestre em relação ao mesmo período do ano passado, mas os preços subiram 15,4%. Esta "solução" tem óbvios limites pela competitividade dos concorrentes no mercado mundial.

A economia brasileira está amarrada por duas correntes bem conhecidas: o juro alto e o câmbio defasado. Enfrentar estas correntes com medidas de marketing eleitoral funciona só até o dia da eleição. A realidade da economia interna brasileira — para não falar das nuvens cinzentas no cenário externo — exige algo mais do que meras declarações de vontade para que o Brasil cresça pelo menos a metade do que devem crescer, neste ano, seus concorrentes mais diretos.